

Miserias del presente, riqueza de lo posible.

ANDRÉ GORZ.

Buenos Aires, Editora Paidós, 1998

SÉRGIO A. M. PRIEB*

O sociólogo André Gorz, austríaco de nascimento e radicado na França há muitos anos, sempre foi um autor polêmico, tendo exercido juntamente com Adam Schaff e, mais recentemente, Domenico De Masi, uma grande influência sobre consideráveis setores da esquerda reformista.

Em sua obra dos anos 50, quando Gorz teve uma aproximação ideológica com o existencialismo sartreano, já apresentava alguns pontos de discórdia com a teoria marxista, como pode ser observado em *Historia y enajenación*, publicado em 1959, em que questionava o papel do proletariado como classe revolucionária, considerando que no século XX nada diferenciaria o proletariado das demais classes. Nos anos 60, em *Estratégia operária e neocapitalismo*, de 1964, Gorz questiona novamente o proletariado como classe revolucionária, por acreditar que devido ao nível de vida dos trabalhadores estar apresentando substanciais melhoras com o estado de bem-estar dos

países desenvolvidos, a diminuição da miséria estaria propiciando o crescente processo de “aburguesamento das massas”, diminuindo, assim, o ímpeto revolucionário do proletariado.

Em sua fase “ecológica” dos anos 70, Gorz (algumas vezes utilizando o pseudônimo Michel Bosquet), critica a esquerda tradicional por não ter previsto que o crescimento industrial desmesurado dos países capitalistas estaria conduzindo a uma crise de superacumulação. Dessa forma, ao não perceber a crise anunciada do modelo de capitalismo de crescimento, a esquerda estaria perdendo o que Gorz chama em *Ecología y libertad*, publicado em 1977, de seu “valor profético” (apesar de muitas vezes o próprio Gorz assumir ares de profeta).

A fase de Gorz mais polêmica e, por isso mesmo, mais comentada é a inaugurada em 1980 com *Adeus ao proletariado*, e que teve continuidade com *Los caminos del paraíso*, publicado em 1983 e *Metamorfosis del*

* Professor de Economia da Universidade Federal de Santa Maria, RS.

trabajo, de 1988. Além de querer desprender-se cada vez mais do rótulo (injustamente a ele atribuído) de sociólogo de tendência marxista, busca debater um tema muito caro ao pensamento marxiano e marxista: a problemática do futuro do trabalho no capitalismo, em que anuncia a abolição do trabalho e da classe trabalhadora. Em *Adeus ao proletariado*, Gorz chega a afirmar que a teoria marxista não teria mais propostas a oferecer à construção de uma sociedade do futuro, daí seu anacronismo.

São propostas que Gorz expõe em seu mais recente livro, *Misérias del presente, riqueza de lo posible*, publicado em 1997 na França, ainda não lançado no Brasil (assim como a maioria de seus últimos livros). Gorz retoma a tese do fim da centralidade do trabalho, considerada por ele irreversível; isto não seria algo a ser lamentado pelos trabalhadores, pois uma nova sociedade estaria surgindo dos escombros da antiga.

Com grande otimismo, Gorz anuncia a sociedade do futuro, liberta da alienação do trabalho da era fordista, e que, em consequência, criaria condições para o surgimento de atividades denominadas pelo autor “auto-organizadas”; desta forma, seria necessário que o trabalho perdesse definitivamente seu lugar central na vida das pessoas, para que estas buscassem novas formas de trabalho.

A globalização estaria assumindo um importante papel nas transformações do mundo do trabalho, no sentido de que seria uma resposta aos

trabalhadores que, a partir dos anos 60, teriam buscado extrapolar o “compromisso fordista” com uma série de atos que buscavam ultrapassar os limites da “sociedade-Estado”. Neste aspecto, Gorz aproxima-se de Lester Thurow (*O futuro do capitalismo*) ao concordar com a tese de que, com a globalização, “o capitalismo havia declarado guerra à classe operária, e havia ganho”.

Com toda a série de derrotas impingidas aos trabalhadores, Gorz não pode deixar de considerar os resultados nefastos trazidos pela globalização e a crescente intensificação da concorrência nos mais diversos mercados que podem ser expressos na diminuição salarial, no crescimento das taxas de desemprego, nas perdas sociais com o fim do estado de bem-estar e na crescente precarização do trabalho, observada hoje no mundo todo.

Apesar de buscar manter sua tese do fim da centralidade do trabalho, Gorz aponta como tendência o predomínio do trabalho precarizado, o que pode levar o leitor à conclusão errônea de que aqueles que o praticam não seriam também trabalhadores.

A superação da subordinação do trabalho da esfera heterônoma para a autônoma, assunto presente em obras anteriores do autor, é retomada por Gorz, ao considerar estarem postas as condições concretas para a conversão do trabalho em uma atividade autônoma. No entanto, ao contrário do que Gorz tenta nos fazer crer, a convivência entre dois mundos tão diferentes (o da esfera da heteronomia e o da autono-

mia), em que um engloba toda a exploração típica do modo de produção capitalista, enquanto o outro constrói a independência do indivíduo, parece estar longe de representar uma sociedade ideal. Também não está assegurado que, ao contrário da tese otimista de Gorz, a esfera da heteronomia não possa subordinar a esfera da autonomia para si, amplificando, dessa forma, a já eterna, para Gorz, alienação do trabalho.

A perda da centralidade do trabalho torna-se imperativa, na teoria de Gorz, para que os indivíduos superem a heteronomia do trabalho e construam um novo tipo de sociedade, calcada no princípio do “tempo livre”. Para tanto, com a crescente diminuição do tempo de trabalho vivo exigido para a elaboração das mercadorias, Gorz, além da abolição do trabalho, decreta o fim da lei do valor. Dessa forma, a “caduquice da lei do valor”, resultado da diminuição do trabalho vivo, tiraria do trabalho a sua atribuição de medida dos valores de uso, e o trabalho deixaria de ser, enfim, fonte de riqueza, fundamento do valor, como afirmou Marx. Em seu lugar, Gorz passa a tomar a ciência e a comunicação lingüística como o pilar central da produção, em substituição ao tempo de trabalho incorporado nas mercadorias.

Esta análise de Gorz (e também de Habermas) conduz a um determi-

nado tipo de “fetichismo tecnológico”, pois o desenvolvimento tecnológico passa a ser visto como uma entidade que foge ao controle dos homens. O capital, não necessitando mais do trabalho vivo para reproduzir-se – que cada vez mais assumiria uma posição secundária no processo de criação de riqueza capitalista –, utiliza em seu lugar, ainda que de forma contraditória, o trabalho morto na forma de máquinas sofisticadas, robotização e aproveitamento pleno dos recursos fornecidos pela microeletrônica, sendo todas estas inovações, por mais irônico que possa parecer, resultado do trabalho humano, tanto físico como intelectual.

A tese de Gorz a respeito do tempo livre representa a grande demanda a ser conquistada pela sociedade atual e futura, tese já presente desde suas obras dos anos 60, como *O socialismo difícil e estratégia operária e neocapitalismo*.

Na problemática, sem dúvida, mais polêmica acerca da redução da jornada de trabalho (que seja: quem paga a conta? Gorz há muito tempo já fez sua opção pelo capital, ao considerar a hipótese de que possa haver a redução salarial desde que resulte em redução do tempo de trabalho) e manutenção e ampliação do emprego.

PRIEB, Sérgio. Resenha de: GORZ, André. Miserias del presente, riqueza de lo possible. Buenos Aires: Editora Paidós, 1998. São Paulo, Boitempo, v.1, n. 14, 2002, p. 186-188.

Palavras-chave: Esquerda; Trabalho; Globalização.